ROTAS DO SUL
NATUREZA, GASTRONOMIA E TERMAS. UM DIA NA SERRA DE MONCHIQUE.

José António Santos - Docente da ESGHT
Margarida Custódio Santos - Docente da ESGHT

A Serra de Monchique continua a ser, em nossa opinião, uma das zonas mais encantadoras do Algarve, o que se deve, basicamente, às suas condições naturais, únicas no Algarve. Estas distinguem-se por uma conjugação de um microclima subtropical marítimo de montanha, húmido e ameno, com um solo granítico e bastante fértil, onde a água é abundante, factores que permitem a coexistência de uma vegetação tipicamente mediterrânica (sobreiros, medronheiros, estevas, urze) com vegetação originária de climas mais húmidos (pinheiros bravos, carvalhos, camélias e castanheiros). Para além destas espécies, podemos encontrar acácias e eucaliptos, tendo sobretudo estes últimos alterado profundamente a paisagem nas últimas décadas. Apesar dos frequentes fogos florestais, o verde continua a ser a cor predominante na Serra de Monchique e os vestígios daqueles quase já não são perceptíveis. Outro recurso natural importante desta região é a água mineral que nasce de inúmeras fontes a qual, nas Caldas de Monchique brota à superfície a uma temperatura constante de 32 graus centígrados.

O passeio que agora propomos tenta tirar partido dessa natureza única, seguindo percursos alternativos pouco explorados, de recursos culturais e gastronómicos, assim como de algumas infra-estruturas instaladas.

Tomamos a estrada Portimão – Monchique e na localidade de Porto de Lagos viramos à direita em direcção a Silves. Em Odelouca seguimos à esquerda pela estrada do Alferce, passando por lindos vales onde os frondosos pomares de laranjeiras nos recordam que ainda nos encontramos no concelho de Silves. Aos vales seguem-se os montes e a estes as paisagens características da montanha com o seu ar puro perfumado a estevas e eucaliptos. Sempre a subir, a vista é agora deslumbrante e só de quando em quando avistamos sinais da presença humana actual, para além de vestígios de um castro pré-romano. Chegamos então ao Alferce, uma pequena e interessante localidade com cerca de 500 habitantes, cujo nome evoca a sua origem árabe. Uma excelente oportunidade para parar, beber um café e explorar um pouco a aldeia.

Partimos em direcção a Monchique, onde se avistam hortênsias e camélias um pouco por todo o lado e paramos no Largo de São Sebastião. Do casco urbano, constituído por um amontoado de casas em forma de anfiteatro, distribuídas pelas encostas da serra, sobressaem algumas igrejas e bonitas fachadas, aparentemente bem conservadas e denotando um agradável colorido. Aqui aconselhamos vivamente um passeio pela vila, incluindo uma visita à Igreja Matriz, que se destaca pelo seu portal manuelino. Na história da vila destacam-se as visitas reais de D. João II em 1495, D. Sebastião em 1573 e D. Carlos e D. Amélia em 1897. Durante a sua visita, D. Sebastião elevou Monchique a vila, embora a criação do concelho de Monchique só ocorresse em 1773 por desmembramento do concelho de Silves.

Entretanto são horas de almoço e aproveitamos para fazer uma pausa e saborear a gastronomia da região, onde existem inúmeros restaurantes. Da cozinha tradicional salientamos a massa de couve, as papas moiras, a assadura, ou o cozido de grão. Como entrada ou para quem apenas pretenda petiscar, aconselhamos o presunto curado caseiro ou os enchidos tradicionais. A doçaria de Monchique merece também um realce especial: pudim de mel, bolo de amêndoa e gila, torta de noz, ou os pastéis de batata doce. Para terminar, e para aquecer o espírito, que tal um cálice de medronho? Com alguma sorte existe uma boa probabilidade de ter sido destilado num alambique da região.

É agora altura para subir à Fóia que, com 902 metros de altitude, é o ponto mais alto do Algarve e oferece um dos mais belos panoramas, permitindo admirar a vertente norte da serra, com paisagens naturais de rosmaninho, urze, esteva, adelfeira, azevinho e rosa-albardeira. Mais ao longe avista-se o Alentejo e a costa de Milfontes a Sagres. Também a sul a vista abrange um amplo horizonte que, em dias claros se estende de Sagres a Faro.

Descemos agora a serra e a próxima paragem é nas Caldas de Monchique, um local idílico situado entre densa vegetação. Aqui se localizam as famosas termas, onde brota uma água pura e cristalina, bicarbonatada, sódica e rica em flúor que, segundo a tradição, os Romanos teriam

considerado "sagrada", por possuir propriedades curativas. Em 1899 o famoso Professor Charles Lepiérre dedicou-se a um estudo destas águas, concluindo: «As águas das Caldas de Monchique pertencem a um tipo hidromineral nitidamente caracterizado, de que não conheço semelhante no riquíssimo tesouro das águas medicinais portuguesas». Em 1495 o rei D. João II, já muito doente, visita as Caldas de Monchique, onde permanece para tomar banhos curativos. Contudo, viria a falecer alguns dias mais tarde em Alvor.

Tendo sido adquirido pela Fundação Oriente em 1994 e reaberto, completamente remodelado em 2001, o complexo termal das Caldas é constituído por piscinas exteriores de água termal, balneários e unidades de apoio, assim como por várias unidades de alojamento, incluindo um hotel termal. De entre os seus serviços termais e de SPA destacam-se: piscina de hidromassagem, hidromassagem em banheira, aerobanho, duches de jacto e de Vichy, aplicação de lamas, massagens, sauna e banho turco. Estas são as sugestões para um final de passeio agradável e relaxante. Pena é que os preços não sejam acessíveis a todas as bolsas.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Augusto da Silva (1939), *Memórias das Caldas de Monchique*, Edição da Comissão Administrativa das Caldas de Monchique, Lisboa.

BRANCO, Conceição (s.d.), *Rotas – Caminhos do Algarve*, RTA, Faro.

SANTOS, José António e Margarida Custódio (1998), *A general Guide to the Algarve / ein allgemeiner Reiseführer über die Algarve*, Guialgarve, Faro.